

AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO – TIC COMO ELEMENTOS DE CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM INOVADORES

Aluísio Wagner de Araújo Lopes¹
Fabiana Maria Barbosa de Sousa²
Domingos Sávio de Araújo Chaves³
Gesicleide Carneiro mesquita Mororó⁴

RESUMO

O presente artigo apresenta um estudo sobre as práticas pedagógicas mediadas pelas atividades da oficina Rádio Escola, em uma escola pública, visando verificar se uma situação de construção de conhecimento é entendida como uma cultura emergente que se contrapõe a práticas pedagógicas tradicionais e que pode revelar-se como inovação pedagógica. O estudo contempla uma abordagem etnográfica, mediante observação participante periférica, onde se descreve, analisa e interpretam-se os elementos compreendidos em uma ordem particular de organização sociocultural em um dado contexto escolar. Participaram da pesquisa: alunos, professores e grupo gestor de uma escola pública. Como aporte teórico recorreremos a autores como: Moran (2012); Sunkel (2003); Santillana (2014); Lévy (2009); Woods (1987); Bourdieu, Passeron (1992); Valente (1997), dentre outros que tratam da utilização pedagógica e educativa das TIC na contemporaneidade. Como resultados, identificamos que um grupo de alunos participantes da oficina Rádio Escola que convivem no território escolar, construíram em um espaço formativo oficial, uma configuração de uma comunidade de prática mediante interações e mediações compreendidas em relações dialógicas inerentes a uma cultura situada, revelando práticas comunicacionais sociodiscursivas inovadoras que impulsionaram o desenvolvimento de contextos de aprendizagens significativas. Desse modo, pode-se inferir que as atividades realizadas no interior da oficina Rádio Escola são reveladoras de novas configurações pedagógicas ancoradas em práticas socioculturais constituídas através de negociações de significados e sentidos sustentadas e legitimadas de forma autônoma e espontânea, ensejando protagonismo juvenil no que concerne à construção de aprendizagem e de conhecimentos emergindo assim um processo de inovação pedagógica.

Palavras-chave: Práticas socioculturais, Contextos de aprendizagem, Rádio Escola, Inovação pedagógica.

INTRODUÇÃO

¹ Doutor em Ciências da Educação (UMA). Professor Formador, na área da Educação Especial e Inclusiva, CREAECE, Estado do Ceará. aluisiolopes@yahoo.com.br

² Pedagoga (UNIFOR), Especialista em Atendimento Educacional Especializado (UFC). Professora, Sala de Recursos multifuncional, Prefeitura Municipal de Fortaleza. Formadora, área da Educação Especial e Inclusiva, CREAECE. Fbmsousa09@gmail.com

³ Especialista em Educação Especial (UCM). Professor Formador, na área da Educação Especial e Inclusiva, CREAECE, Estado do Ceará. Schaves505@gmail.com

⁴ Psicopedagoga (UVA). Professora Formadora, na área da Educação Especial e Inclusiva, CREAECE, Estado do Ceará. Gesicre@gmail.com

Estamos num processo experimental de um mundo totalmente novo. A inserção de novas ferramentas de tecnologia, fundamentalmente, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) mudou radicalmente o comportamento das sociedades. Nesse novo mundo, há agora uma idéia de comunidade heterogênea, que compartilha informações no mesmo tempo e no mesmo espaço virtual. Vive-se uma fase em que a informação e a comunicação desempenham um papel de protagonismo, reconfigurando os modos de organização do trabalho e as relações sociais como um todo. Por isso, a demanda das tecnologias tem sido cada vez maior na área da educação, tornando emergentes currículos e programas escolares voltados ao desenvolvimento de novas competências sociais, profissionais e cognitivas (GATTI, 2000).

Nesse contexto, houve um claro anseio de que as tecnologias trouxessem uma solução rápida para o ensino como um todo. É bem verdade que as TIC dão amplitude ao conceito de aula e, sobretudo, de espaço-tempo. Permite ainda fazer a conexão entre o presencial e o virtual. Porém, as tecnologias pelas tecnologias não resolvem as principais problemáticas do ensino, uma vez que o processo de ensino-aprendizagem sempre foi um desafio, especialmente, quando está inserido em um “modelo de gestão industrial” (MORAN *et al*, 2000, p.12).

A experiência como professores em escolas da rede pública de ensino de Fortaleza e da rede pública do estado do Ceará, permitiu-nos vivenciar inúmeras situações que suscitam questionamentos, críticas e reflexões sobre o *modus operandi* das escolas, suas complexidades, as relações sociais e culturais, que culminam na busca por caminhos profícuos para a consecução das aprendizagens dos alunos.

Encontramos no espaço da oficina Rádio Escola de uma escola pública municipal, uma oportunidade ímpar de elaborar um estudo que nos permitisse aprofundar nossos conhecimentos, visto se tratar de área de estudo em que temos grande interesse. Passamos a visitar a escola *locus* da pesquisa, com mais frequência pela inquietude que nos causou em querer observar mais claramente o referido contexto. À medida que se ampliavam as visitas e as vivências no cotidiano da escola, é que crescia a compreensão de que era necessário um mergulho mais aprofundado no espaço onde acontecia a oficina com o objetivo de estudar a cultura escolar situada especificamente naquele espaço, como também um estudo mais ampliado do ambiente da escola como um todo: as pessoas, as relações, as culturas existentes.

Esse contexto escolar instigou-nos a perguntar sobre a emergência dessas novas práticas pedagógicas, reveladoras de novos modos de ensinar e aprender, que estão em desenvolvimento nos espaços escolares, opondo-se às práticas tradicionais de ensino e aprendizagem e que ainda têm considerável prevalência nesse território educativo, implicando na emergência de novas tensões e relações de poder no chão da escola, explicitando contendas relativamente silenciosas entre a cultura oficial e as emergentes culturas juvenis populares, tendo como pano de fundo as demandas sociais contemporâneas.

Desse modo, estabelecemos como objetivo geral de nossa pesquisa, investigar, à luz das teorias educacionais contemporâneas, particularmente as que enfocam a inovação pedagógica, em uma escola pública, as práticas pedagógicas mediadas pelas atividades da oficina Rádio Escola do Programa Mais Educação.

Como objetivos específicos, estabelecemos:

- Investigar que contextos de aprendizagens são visíveis na oficina Rádio Escola a partir da organização do ambiente pedagógico;
- Identificar de que maneira os alunos desenvolvem suas aprendizagens no ambiente da oficina Rádio Escola.
- Analisar como os alunos e professores significam essas práticas, considerando seus diferentes papéis e atuação no cenário escolar;
- Compreender como se dá o encontro entre a cultura dos estudantes (popular) - marcada pelas TICs (cibercultura), e a cultura escolar (oficial) – ainda muito marcada pelo modelo fabril, verificando as implicações em uma perspectiva pedagógica inovadora;

Para que possamos observar e interpretar o comportamento humano mediante uma abordagem etnográfica na área educacional, é preciso que compreendamos em que contexto se dá as ações e como os significados se expressam culturalmente tanto em um ambiente macro (escola) como no ambiente micro (sala de aula); neste contexto, acontecem as práticas pedagógicas, as interações e as negociações sociais na construção do conhecimento. É nessa perspectiva que construímos este estudo na tentativa de descrever e interpretar uma cultura em um microcosmo, observando tudo e todos, com o objetivo de verificar se uma situação de

construção de conhecimento é entendida como uma cultura emergente que se contrapõe a práticas pedagógicas tradicionais e que pode revelar-se como inovação pedagógica.

Para Alonso (2008, p.755):

A utilização educativa/pedagógica das TIC, vistas como recurso e material, seria congruente com a necessidade de incorporar aos processos de ensino/aprendizagem codificações diferentes, que estariam sendo elaboradas nas distintas manifestações da cultura em nossos dias. A ocorrência de tal fato faria supor a constituição de processos de mediação cultural, mais amplos e variados que os conhecidos tradicionalmente, primeiro pela transmissão oral e, depois, pela transmissão escrita. Os novos processos comunicacionais produziram percepções e construções diferentes quanto à produção e à socialização dos conhecimentos historicamente acumulados. Independentemente do uso que se faça da rede, o “laboratório de informática” das escolas, como aponta Josgrilberg (2006), não tem “enredado” alunos e professores numa rede que seja significativa nos processos de ensino/aprendizagem, no interior da instituição escolar.

Segundo Guillermo Sunkel (2003), houve um redimensionamento dos conceitos que discutem a função e o modelo da educação no mundo cibernético. Para esse autor, o que existe agora é um reconhecimento do papel central que a educação desempenha nos processos de desenvolvimento, mais precisamente daquele subsidiado pelas TIC. Em adição, o autor discute sobre os muitos desafios que foram enfrentados pela América Latina na revolução científica e tecnológica, no sentido de recuperar o atraso com a transformação produtiva e resolver problemas sociais, além de consolidar regimes democráticos. Daí, muito pertinente a essa problemática, e de abordagem complexa, é o fato de a educação não ser mais vista como uma mera consequência do crescimento econômico, mas, como fonte de processo de desenvolvimento que afeta aspectos sociais, políticos como também os estritamente econômicos. Assim, há uma tendência para considerar a educação como um elemento chave para o desenvolvimento, num processo complexo e multidimensional de transformação.

De acordo com a Fundação Santillana, promotora do seminário internacional “Tecnologias para a transformação da educação: experiências de sucesso e expectativas na América Latina” na cidade de São Paulo, no ano de 2014:

Tanto o acesso como o domínio e o uso adequado das tecnologias da informação e da comunicação são fundamentais para o desenvolvimento econômico e social, dado que se trata de ferramentas que, quando usadas corretamente, fomentam o crescimento econômico, possibilitam a inovação e

capacitam as pessoas com as competências que o mercado de trabalho demanda. Os jovens, tanto na América Latina como em outros lugares, são usuários privilegiados da tecnologia com infinidade de finalidades, mas, ao mesmo tempo, necessitam ser acompanhados para ir além dos usos meramente recreativos e sociais para desenvolver as competências sociais e profissionais que os países da região já estão começando a demandar. Uma das questões educativas que maior interesse suscita na América Latina é a dos usos da tecnologia. Esse interesse tem um reflexo claro nos investimentos em tecnologia realizados nos últimos anos para equipar as escolas e, em um número importante de países, diretamente cada estudante, com o objetivo de transformar o ensino para sintonizá-lo às crescentes expectativas sociais e econômicas. Trata-se, definitivamente, de criar os alicerces para que os países da América Latina contem com uma base de cidadãos que saibam aproveitar as oportunidades da sociedade do conhecimento e contribuam como trabalhadores ao desenvolvimento econômico de sua comunidade e de seu país. Neste novo contexto globalizado, as competências, começando pelas digitais, constituem uma nova forma de capital dos indivíduos e dos países. Os governantes, mas também um número crescente de famílias, estão totalmente conscientes desses desafios sociais e econômicos e esperam que a modernização da educação escolar contribua para a melhoria das oportunidades das novas gerações, em boa parte graças a um uso apropriado da tecnologia. Ao tempo, o acesso à tecnologia está se universalizando entre os jovens a um ritmo extremamente rápido, e isso também influencia as expectativas deles e de suas famílias acerca da educação que esperam receber (SANTILLANA, 2014, p.4/6)

A escola frente às novas demandas sociais decorrentes das TIC institui programas de formação de professores para a incorporação das mesmas no espaço escolar com o intuito de sincronizar tempos e espaços da sociedade da informação com o tempo e o espaço escolar. Percebemos um descompasso eminente entre o que o mundo produz e a velocidade como viraliza a informação e o que é disseminado pela escola. O que esperamos é que a escola consiga no mínimo dispor ao aluno, os artefatos tecnológicos e um corpo docente que seja capaz de usá-los apontando para o protagonismo deste aluno na construção do saber. Essa esperança esbarra numa situação de crise de identidade do professor, pois sua formação foi desenvolvida pela lógica de transmissão de conteúdos e a escola impõe sob pressão a responsabilidade de recriar práticas pedagógicas com o uso de tecnologias, ou seja, a responsabilidade de transformar práticas tradicionais em práticas inovadoras que são estranhas ao seu cotidiano.

A esse respeito, Valente (1997, p.4) nos diz:

A interação aluno computador precisa ser mediada por um profissional que tenha conhecimento do significado do processo de aprendizado através da construção do conhecimento, que entenda profundamente sobre o conteúdo que está sendo trabalhado pelo aluno e que compreenda os potenciais do computador. Esses conhecimentos precisam ser utilizados pelo professor para

interpretar as idéias do aluno e para intervir apropriadamente na situação de modo a contribuir no processo de construção de conhecimento por parte do aluno.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura UNESCO publicou o documento “Padrões de Competência em TIC para Professores” com o intuito de suscitar discussões e fomentar debates sobre a capacitação dos professores para o uso de novas tecnologias em sala de aula.

Os professores na ativa precisam adquirir a competência que lhes permitirá proporcionar a seus alunos oportunidades de aprendizagem com apoio da tecnologia. Estar preparado para utilizar a tecnologia e saber como ela pode dar suporte ao aprendizado são habilidades necessárias no repertório de qualquer profissional docente. Os professores precisam estar preparados para ofertar autonomia a seus alunos com as vantagens que a tecnologia pode trazer. As escolas e as salas de aula, tanto presenciais quanto virtuais, devem ter professores equipados com recursos e habilidades em tecnologia que permitam realmente transmitir o conhecimento ao mesmo tempo que se incorporam conceitos e competências em TIC. As simulações interativas em computação, os recursos educacionais digitais e abertos e as sofisticadas ferramentas de levantamento de dados e análise são apenas alguns dos recursos que permitem aos professores oportunidades antes inimagináveis para o entendimento conceitual. As práticas educacionais tradicionais já não oferecem aos futuros professores todas as habilidades necessárias para capacitar os alunos a sobreviverem no atual mercado de trabalho (UNESCO, 2009, p.3).

A utilização das TIC só terá verdadeiro sentido de elemento em contexto de aprendizagem inovador se tiver como alcance a livre acessibilidade ao estudante de suas ferramentas, possibilitando a ele, liberdade na construção de seus conceitos e conhecimentos, proporcionando-lhe a liberação de suas curiosas habilidades e potencialidades que promovam uma participação ativa na sociedade da informação, enriquecendo suas pesquisas e atribuindo valores novos aos seus conhecimentos anteriormente apropriados, com novos questionamentos, novas hipóteses para situações problemas caracterizando um processo construtivo contextualizado com sua realidade.

Com o avanço das tecnologias da comunicação, as informações e as interações virtuais causam um forte impacto no que se refere à cognição das pessoas, vemos um impacto positivo, pois as pessoas passam a interagir com pessoas de culturas diferentes, em rede, possibilitando uma maior exposição às interações, um maior compartilhamento de experiências que permitem

um novo conhecimento coletivo, onde todos contribuem e que o autor denomina de “*inteligência coletiva*” (LÉVY, 2009, p.30)

Para Moran (2012, p. 47):

Os alunos já estão nas redes. Elas são importantes para conhecer seus interesses e expectativas, para criar vínculos afetivos, empatia, aproximação emocional que facilita a comunicação e que aproxima professores e alunos e também os assuntos que vão ser tratados na aula. É fácil utilizar esses espaços para motivá-los a aprender, disponibilizando materiais interessantes (vídeos, charges, pequenos textos, infográficos, apresentações), pedindo que os estudantes também compartilhem suas descobertas e contribuam com os assuntos que estão sendo tratados. As redes são também importantes para promover discussões sobre temas polêmicos, incentivando a que todos se manifestem. Muitos estudantes mais tímidos costumam participar de forma ativa nestes espaços digitais, às vezes, melhor do que numa discussão presencial. As redes são também interessantes para que os estudantes aprendam juntos, se ajudem mutuamente, percebam que podem trazer contribuições significativas. O professor pode orientar grupos diferentes de forma rápida e fácil. As redes podem ser utilizadas também para publicar os projetos, para comentá-los e para avalia-los e também para avaliar os problemas que o mau uso das redes traz como bullying, divulgação de visões preconceituosas ou distorcidas ou a excessiva dependência de estar sempre conectado.

Com o uso das TIC nos ambientes escolares, além de poder ser um valioso meio para construção de conhecimento, pode-se também configurar-se como um vetor de diferentes possibilidades interativas ampliando as comunicações, reflexões e o compartilhamento de informações em grupos ou comunidades virtuais. Favorece também o desenvolvimento de laços sociais baseados no conhecimento, provocando novas mediações entre pares e contribuindo para os processos de aprendizagens colaborativas, pois alunos e professores são incentivados a desenvolverem maior abertura para o pensamento crítico, reforçando os sentimentos de autoconfiança, autoestima e integração do grupo através do fortalecimento da solidariedade e respeito para com todos, e desse modo alcançando resultados mais qualitativos dos trabalhos pedagógicos. Valoriza o conhecimento que cada participante traz consigo transformando a atividade pedagógica de aprendizagem como prática social.

METODOLOGIA

Considerando o objetivo de nossa investigação, optamos por uma pesquisa qualitativa, do tipo etnográfico, utilizando como instrumentos de coleta e registro de dados: o diário de

campo, a observação participante e o diálogo informal. Para que possamos observar e interpretar o comportamento humano mediante uma abordagem etnográfica na área educacional, é preciso que compreendamos em que contexto se dá as ações e como os significados se expressam culturalmente, tanto em um ambiente macro (escola) como no ambiente micro (sala de aula); neste contexto, acontecem as práticas pedagógicas, interações e as negociações sociais na construção do conhecimento.

Neste estudo, propomos a observação participante por conter características que permitem uma interação mais estreita com os sujeitos participantes no intuito de obter um determinado grau de implicação nas atividades do grupo estudado, que se possa alcançar para compreender de forma mais densa as variáveis existentes das compreensões de vida de cada sujeito participante. Todo e qualquer evento num contexto, devem ser observados: comportamentos, posturas corporais, linguagem verbal, não verbal, todos os detalhes. A observação é um ato de perceber um fenômeno que por determinados instrumentos deve ser registrado e analisado. “Los principales requisitos de la observación son, naturalmente, un ojo avizor, un oído fino y una buena memoria” (WOODS, 1987, p.56).

Optamos pela observação participante periférica (ADLER, ADLER, 1987), pois estabelecemos certo grau de implicação, certo nível de envolvimento, o suficiente para sermos aceitos pela comunidade escolar e, mais especificamente, pelos participantes da oficina Rádio Escolar a fim de que pudéssemos potencializar o máximo de atenção e foco na compreensão e interpretação das atitudes, nas formas de falar, das palavras, dos canais de conversas, dos gestos, dos valores, das expressões corporais, das dinâmicas afetivas, como também na captação de elementos invisíveis e não conscientes que permearam nas relações sociais no contexto sociocultural observado.

Utilizamos como técnicas privilegiadas de recolha de dados, a observação, o diário de campo e os diálogos informais. Recorremos, também, a outros materiais de apoio como fotografias, documentos oficiais, registros em vídeos e artigos de jornais. Incluímos, ainda, o registro de tipo etnográfico, em que todos os pormenores relativos a conversas e práticas dos vários intervenientes do contexto escolar, dados de opinião, entre outros que pudessem nos ajudar a atingir os nossos objetivos, foram anotados, assim como as nossas inferências, interpretações e questões que iam surgindo e que foram importantes e fundamentais para a

construção de dados que se pretendeu arregimentar para melhor compreensão das práticas sociais e culturais dentro da cultura específica, objeto de nosso estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nosso campo de estudo, através das observações, análises e interpretações, percebemos que nas práticas pedagógicas da Rádio Escola aconteciam pontos de interseção e de tensão entre a cultura da escola (oficial), a cultura dos jovens (popular) e a cibercultura. Atentamos mais detalhadamente em contextos onde se desenvolviam as dinâmicas de elaboração de textos radiofônicos. Emergiam tramas de significados construídos pelos alunos em relação ao uso da linguagem enquanto elemento de interação social. Os alunos conduziam as atividades com uma facilidade de comunicação e interlocução entre os pares do grupo que denotava um sentimento de liberdade de criação pela dinâmica nos diálogos de maneira diferenciada, intercambiando ideias.

As observações e os discursos dos alunos revelaram um processo interessante de produção de textos radiofônicos através de trocas linguísticas como práticas discursivas imbuídas de discursos e significados sobre si, dos outros, da rádio e do contexto. Eram dinâmicas que se mostravam estranhas aos ritos curriculares oficiais da escola e seus mecanismos de normalização. Não se caracterizavam como construções linguísticas estruturadas canonicamente e engendradas em salas de aula, como componentes da cultura curricular da escola, e sim como práticas de linguagens reveladoras de expressões espontâneas, canalizadas por interações significativas, emergindo um contexto de múltiplas subjetividades através de criações autênticas ancoradas em práticas socioculturais resultando em redes de significação dando sentido às aprendizagens.

Acreditamos que as práticas pedagógicas da Rádio Escola expressam o uso de distintas modalidades linguísticas e de forma complementar. São atividades autênticas que envolvem dialogicidade com negociações situadas assumindo funções interacionais imersas em fenômenos de uma cultura particular emergindo daí contextos de aprendizagens. É uma realidade que se contrapõe ao discurso e práticas pedagógicas de escolas que privilegiam os padrões culturais e linguísticos das classes dominantes, impondo-os como saberes legítimos como forma de manter e perpetuar uma estrutura social cristalizada por privilégios e desigualdades sociais. É uma questão de “violência simbólica” como bem fundamentam

Bourdieu e Passeron (1992) quando teorizam sobre uma cultura que a escola dissimuladamente apresenta e ensina como neutra, mas que é subliminarmente carregada de mecanismos de controle e manutenção de quem detém o poder simbólico e cultural. É uma eficaz estratégia de socializar as desigualdades. Compreendemos ser a escola um campo sociocultural e como tal, deve valorizar e potencializar a construção do conhecimento como processo eminentemente interativo produzindo uma cultura própria fundamentada na prática social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos proporcionou uma vivência no interior de uma cultura, com um certo grau de implicação, em um dado contexto, dentro de uma escola, que nos foi possível descrever, discutir, analisar e compreender fenômenos e situações que provocaram em nós indagações sobre como se configuram relações, práticas e experiências com suas particularidades e singularidades de um grupo de alunos. Debruçamo-nos em observar situações e comportamentos para que pudéssemos interpretar e compreender as especificidades dos processos culturais da Oficina Rádio Escola, envolvendo questões como: os estilos e as preferências dos participantes; as ações desempenhadas pelo grupo; a maneira como se organizavam e como se identificavam no contexto. Verificamos que os alunos, pelas práticas, se percebiam como protagonistas, conscientes de que aquelas práticas tinham conexão com os seus mundos, que o processo de conduzi-las os empoderava, gerando motivações e interesse em continuar a desenvolvê-las prazerosamente, repercutindo nos seus modos de ver, ser e estar no mundo. E foi com o olhar minucioso e atento para pequenos desenvolvimentos, quase invisíveis, que percebemos rupturas em relação aos processos tradicionais de ensino-aprendizagem, caracterizando um movimento de inovação pedagógica.

Nessa perspectiva, temos também a considerar o impacto das TIC e da cultura digital nos processos socioculturais e educativos impulsionando transformações radicais, demandando da sociedade e da escola mais especificamente, ressignificações sobre acessos à informação, tempos, espaços, relações e construções que sinalizam novos desenhos pedagógicos em relação à escolarização mirando novos cenários educativos em consonância com as atuais demandas sociais, culturais e econômicas. Estas transformações implicam na necessidade da escola reconfigurar-se, renovar seus propósitos, funções e sentidos, assumindo sua responsabilidade social para poder dar conta das necessidades dessas gerações de crianças e jovens que adentram na escola com alta disponibilidade tecnológica.

Constatamos que as práticas pedagógicas da oficina Rádio Escola favorecem o diálogo com outras áreas de conhecimento com configurações mais abertas, criativas e participativas oportunizando ecossistemas comunicativos diante de relações dialógicas com um novo agir comunicacional, espontâneo, agregando múltiplas linguagens no território escolar expressando uma cultura significativa e tendo a Rádio Escola como um vetor de aproximação entre e para os alunos através das interações e que influenciam diretamente na aprendizagem. Compreendemos que quando os alunos desenvolvem atividades autênticas, protagonizando-as, e particularmente na oficina Rádio Escola, as linguagens próprias dos alunos emergem com maior intensidade, ganham força e causam desequilíbrios e impactos no grupo, na escola e na comunidade.

É nessa perspectiva que nosso estudo compreendeu que as práticas pedagógicas da oficina Rádio Escola constituíram como um processo comunicativo de caráter sociocultural que proporcionou ao grupo de alunos se relacionarem culturalmente com os conhecimentos, construindo representações de si mesmos e dos outros, aprendendo a reconhecer-se e a respeitar e considerar outros mundos através da integração de seus conhecimentos historicamente constituídos com outros saberes, explorando possibilidades e potencialidades através de atividades autênticas e significativas. Este cenário é um desafio para os sistemas públicos de ensino, porque permite um movimento catalizador de transgressão da cultura curricular, linearmente categorizada e transmitida aos jovens, podendo transformá-los de alunos a aprendizes. O jovem não pode ser espectador de sua aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ADLER, P; ADLER, P. Membership Roles in Field Research. New York: Sage, 1987.

ALONSO, K, M. Tecnologias da informação e comunicação e formação de professores: sobre redes e escolas. Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 747-768, out. 2008. Disponível em: www.cedes.unicamp.br. Acesso em 12 de junho de 2017.

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

GATTI, B.A. Formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação. 2.ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

LÉVY, P. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009.

MORAN, J. M. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5ª ed. Campinas: Papyrus, 2012.

MORAN, J. M; MASETTO, M; BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 6. ed. Campinas: Papyrus, 2000.

SANTILLANA, F. Tecnologias para a transformação da educação: experiências de sucesso e expectativas na América Latina. São Paulo, 2014. Disponível em: www.fundacaosantillana.org.br. Acesso em 13 de julho de 2017.

SUNKEL, G. Las nuevas tecnologías de la comunicación y la información (TIC) en la educación. Desafíos para las políticas públicas en América Latina División de Desarrollo Social, CEPAL, 2003.

UNESCO. Padrões de Competência em TIC para Professores. Diretrizes para implantação versão 1.0. ICT competency standards for teachers: implementation guidelines, version 1.0. Paris: UNESCO, 2009.

VALENTE, J. A. Informática na educação: instrucionismo x construcionismo. Manuscrito não publicado, NIED: UNICAMP, 1997.

WOODS, P. La escuela por dentro. La etnografía en la investigación educativa. Barcelona: Paidós, 1987.